

# REVISTA DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 5 DE OUTUBRO DE 1918

N.º 55

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

ANO... .. 1\$40 || ESTRANGEIRO  
SEMESTRE... .. \$70 || ANO..... 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## AS CAMARAS MUNICIPAES E O TURISMO

MAIS uma vez nos vemos compelidos a julgar, n'este sagrado tribunal, a acção das Camaras Municipaes do Paiz, no que respeita ao turismo.

Já por varias vezes aqui temos verberado o procedimento mesquinho e quasi inconcebível das vereações que administram os interesses municipaes dos diversos concelhos de Portugal; e muito penoso nos é ter de voltar ao assumpto.

Infelizmente, na nossa terra, ha só dois systemas de se caminhar:—ou empregando o *conto do vigario*, que, não obstante o seu mais do que conhecido e sabido epilogo, tem sempre quem *goste* de o ouvir —ou, então, fazendo-se uso da maxima força bruta.

Meios termos, bom caminho, diplomacia, honra no exemplo, methodo no trabalho, emfim—tudo quanto possa dignificar, engrandecer, tornar util e proveitoso um esforço, é desprezado e posto de lado, não merecendo sequer um minuto de atenção.

Trate-se de politica ou de intrugice (termos synonymos) e toda a gente está prompta a prestar o seu concurso, a trabalhar no intuito de enganar os outros, por vingança, por maldade ou por mais do que illusória pretensão d'uma supremacia que não chega a ser problematica porque, de principio, é inconsistente.

Isto em todos os ramos da vida

e, muito especialmente, no que se convencionou chamar a «vida publica».

Este é simplesmente o preambulo da nossa mais acerba critica ao procedimento da maioria das Camaras Municipaes do nosso Paiz, relativamente ás questões que directamente se prendem com o turismo.

A sua acção deleteria na administração dos negocios municipaes; a sua incompetencia; a sua falta de previsão, a negação systematica do seu concurso a tudo quanto possa representar um beneficio directo; a nefasta idéa da politica a presidir aos actos em que só um ponderado criterio devia agir; emfim, tudo quanto se possa classificar de mais abjecto, é ainda pouco para caracterisar, com precisa verdade, essas edilidades que um cataclismo cosmico devia reduzir á expressão mais simples...

Na generalidade, em nada cuidam. Na especialidade tudo desprezam.

Com semelhante *gente*, como póde trabalhar-se para o engrandecimento do Paiz?!!!

Não temos necessidade de pôr em relevo o que por esse Portugal em fóra se vê, e que tristemente se aprecia como resultado das administrações

municipaes. Mesmo se tentassemos fazel-o, levar-nos-hia mais tempo, mais espaço e mais trabalho do que publicar o «Rocambole».

Falamos d'uma maneira geral.

Mas isso não obsta a que aqui salientemos o que se refere aos serviços e questões de turismo.

N'este capitulo, então, a falta de comprehensão ou requintada má-fé, tem orientado as decisões camararias.

No esforço particular temos encontrado o mais valioso concurso, o mais decidido apoio á nossa obra, que é, por assim dizer, a persursora da industria do turismo em Portugal.

Todavia, no supremo juizo da quasi totalidade das edilidades camararias ela não merece sequer, o preço d'uma assignatura da nossa Revista, que é de *um escudo e quarenta centavos* por ano!!!

Isto é inaudito, é phantastico, é ultra-pyramidal!!!

*Nec sutor ultra crepidam.*

Mas nem mesmo applicando esse proverbio latino a nossa consciencia fica satisfeita ante o *ingrato*—mais do que isso—o baixissimo, o reles procedimento d'essas Camaras Municipaes—entre as quaes inclinos as de Lisboa, Coimbra (!) e de Caminha, negando a sua coadjuvação á nossa obra!!!

—E tem os homens que as administram o nome de portuguezes!

Quem é que, com tão esperançosos promettimentos se ha de abalançar a trabalhar para uma nação madrastra como é a nossa?!!

Ao sr. Secretario de Estado do Co-

mercio, que ha pouco tanto enthusias-mado se mostrôu pelo progresso do turismo em Portugal, aqui fazemos a apresentação d'estes seus prestimo-sissimos auxiliares; e os recomenda-mos com o mais fervoroso interesse.

## UM CAMINHO DE FERRO DE TURISMO

COIMBRA-ARGANIL-CEIA-GOUVEIA

É-nos sempre muito pezaroso apre-ciar a ação alheia pela forma porque acima o fazemos. Não são esses ver-dadeiramente os nossos principios, nem os nossos habitos. Mas mais do-loroso nos é que os esforços que— como os nossos—se estão pondo á prova com manifesto e superior pre-juizo proprio e simplesmente guiados por um sentimento patriótico, incontestavel, sejam tão mal comprehendi-dos e tão desajudados.

Certamente que se fossemos um or-gão politico, escripto com a macieza e o veludo que atapetassem as idéas do Governo, ou com o fel esvurmante da opinião contraria, achariamos por toda a parte um concurso mais do que sufficiente ao proseguimento d'uma obra d'onde apenas resultaria benefi-cios propios e para a fação que ele defendesse.

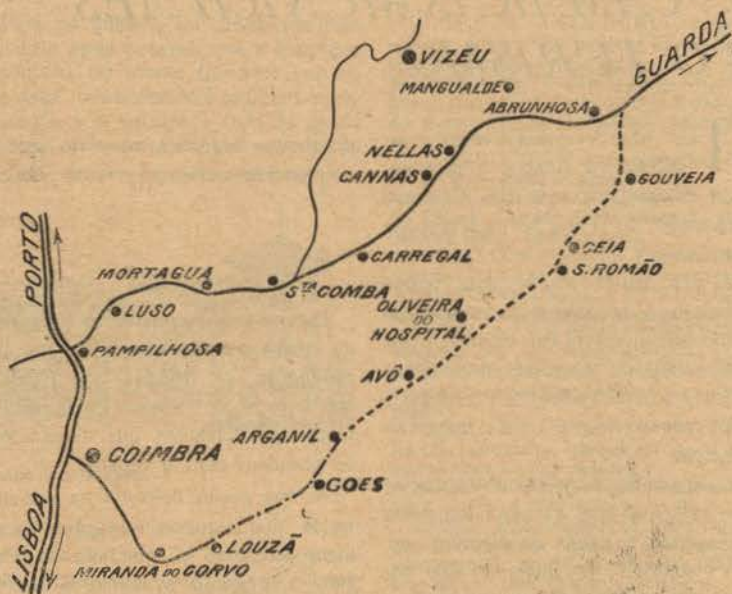
Como, porem, representamos o ideal transcendente do engradecimento da nossa Patria; como somos os instiga-dores do desenvolvimento da incom-parabilissima industria do turismo que a ela ha de, um dia, trazer a felici-dade, apenas encontramos — quando não é um sordido desprezo, como o que nos tem sido manifestado pela quasi totalidade das camaras munici-paes do nosso Paiz—o fraco auxilio dos que obrigatoriamente nos deviam incitar, animar com o seu concurso material, ajudar com toda a força da sua proteção.

Mas nem por isso a nossa missão — a que nos abalançamos sem espe-ranças de auxilio alheio e unicamente fiados na nossa grande força de von-tade — ha de deixar de proseguir até o dia em que possamos mostrar ás camaras municipaes de Portugal que, quando se possui uma coisa que elas desconhecem, se consegue vencer, se vence tudo, até mesmo a estúpida in-diferença d'essas asnatias edilidades.

QUANDO da escolha do traçado da linha da Beira Alta, houve a idéa sensata de levar o camin-ho de ferro de Coimbra, pelo vale do Mondego, directo a Almeida, onde entraria em Hespanha. O governo de então assim o mandou estudar; mas a politica e os interesses dos eleico-ros fizeram-n'o desviar do seu natural percurso, para as serranias do Bussaco. E não contentes com isso, esses dois

arriscasse ás grandes tentativas indus-triaes. E hoje, desde Valezim a Fol-gosinho, ha um sem numero de fa-bricas de lanificios, apesar das mais proximas—que são as de Gouveia—ficarem a 15 kilometros da respectiva estação.

Imagine-se, agora, o que será o de-senvolvimento d'essa região no dia em que o caminho de ferro do Mon-dego se prolongue além de Louzã e



grandes males originaram ainda o enorme erro em fazer com que o traçado fosse de Vila Franca das Naves á Guarda, quando o caminho logico e natural seria de Vila Franca a Almeida, passando a 4 ou 5 kilometros ao sul de Pinhel, onde o terreno é de facil construção e sem as pronuncia-dissimas rampas da Guarda, de ambos os lados da linha.

A região que é atravessada pela linha é esteril, e só as multiplas estradas que dão acesso ás suas estações teem facilitado o desenvolvimento do trafego que o mau traçado fez desperdiçar.

A enorme e rica bacia do Mondego e a ába da Serra da Estrela ficaram completamente afastadas da viação ac-celerada; não influindo, todavia para que a gente laboriosa e audaz da Beira se

de Arganil, e ponha este emporio fa-bril em contacto com os grandes cen-tros comerciaes do nosso paiz e do estrangeiro!!!

Pelo lado do turismo, é bom recor-dar que esta linha vae dar acesso a um grande objectivo turistico: a Serra da Estrela.

A nossa primeira montanha—triste e bem triste é dize-lo—está ainda sob a atmosfera do abstracto e da difi-culdade.

Para se ir lá, é preciso preparar tudo de ante-mão, especializando as indis-pensaveis barracas, guias, cavalgadu-ras, viveres e ... uma grande cora-gem.

Aquella facilidade alpina que existe lá fóra, onde um caminho de ferro nos leva ao hotel e, depois, o funicular, o auto e outros meios de transporte nos conduzem até os abismos brutos da natureza, não existem ainda, infelizmente, na Serra da Estrela, nem tão cedo, certamente, hão de existir.

E' preciso, primeiro que tudo, um caminho de ferro—que nos leve a uma terra onde haja conforto e recursos, e não a uma estação n'um lugar longe, onde ha, apenas, uma deligencia a desconjugar-se, para nos conduzir.

Varios projectos teem surgido. Entre eles citaremos o do caminho de ferro Entroncamento-Gouveia, de via reduzida, mas que eu considero condemnado, por ter o seu percurso quasi sempre dentro da zona de protecção das linhas do Norte e da Beira Alta. E tanto d'uma como d'outra companhia difficilmente, e só com fortes compensações, se poderia conseguir o consentimento para essa construção.

Outra solução, ainda, resta: — de Vizeu a Gouveia, tambem de via reduzida.

Mas se aquella era prejudicial para a Beira Alta e para a Companhia Portuguesa, esta é ainda peor, porque sem ser uma linha paralela, e portanto podendo construir-se em qualquer tempo, poderá degenerar n'uma terrivel concorrente para as duas companhias, pois que de Mangualde, ou de Nellas, a Vizeu e do Valle do Vouga a Espinho, é igual distancia que por Pampilhosa.

Uma solução me sugeriu, e que, convertida em these, foi aprovada por aclamação no congresso da Serra, a qual é o prolongamento do caminho de ferro de Louzã a Arganil até a linha da Beira Alta, passando por Ceia e Gouveia.

Para lhe encarecer a importancia, bastará dizer que a linha Coimbra-Louzã, servindo uma zona menos rica do que a que lhe fica a montante, foi construida ha 11 anos, com garantia de juro; tendo já entrado no periodo de reembolso ao Estado, o que ainda não aconteceu à da Beira Baixa, nem à de Vizeu, nem às do Tua, apesar de construidas muito anteriormente.

Depois, o turismo, com a nova linha, basear-se-ha em tres pontos estrategicos de elevado valor: Coimbra—Gouveia (Serra da Estrela)—Bussaco, constituindo-se assim o triangulo de turismo do Mondego, cuja importancia é desnecessario encarecer.

Só um obstaculo, pequeno, se pro-

curarmos bem, ahi se pode encontrar, que é o d'essa linha entrar na zona de protecção da Beira Alta; obstaculo que se traduzirá pelos entraves que a respectiva companhia oporá a sua construção.

De resto, o paralelismo das duas linhas é caso ainda para averiguar, porque, em minha opinião, ele não existe entre a da Beira Alta e o prolongamento da linha de Arganil a Gouveia; mas ha, apenas, convergencia. Demais o percurso Gouveia (actual estação) a Coimbra-B, pela linha que se propõe, é de mais uns 30 kilometros, o que é argumento sufficiente para justificar a falta de paralelismo.

Mas a Companhia da Beira pode considerar o contrario; e, então, os arbitros que resolvam o litigio.

De resto, tudo isto é prematuro. Logo que o Parlamento abra, os povos beneficiados pela nova linha, virão em peso solicitar essa construção e só depois de conhecida a opinião da Companhia da Beira Alta se poderá fazer encaminhar o assumpto, pelo meio mais viavel de se conseguir o fim desejado.

Até lá damos tempo á Companhia da Beira para pensar no melhor rumo a seguir. Estamos, porem, certos de que as suas ponderadas Administração e Direcção não deixarão *uma boa mãe*—a linha convergente do Mondego, com as compensações que lhe podem advir—por uma ruim *madrasta*—a concorrente do Vale do Vouga.

GUERRA MAIO.

## O TURISMO EM PORTUGAL

### ECHOS DO VERÃO

**A** GORA, que a epoca thermal está quasi a findar, tendo já regressado aos respetivos lares muitas das pessoas que, por necessidade ou por mera distracção, passaram algum tempo nas thermas de Portugal, vamos nós dar curso ás primeiras impressões que recebemos dos aquistas ou simples viajantes que as frequentaram este ano.

D'uma forma geral, essas primeiras impressões não são, infelizmente, muito favoraveis. Se, para muitas partes, a critica foi, talvez, levada ao exagero, o certo é que motivos houve para a originarem.

E' evidente que levamos em linha de conta, como uma forte atenuante, a crise porque estamos atravessando.

Ela é a razão de muitas deficiencias que se notaram, mas que eram facilmente toleradas, se á sua sombra se não tentasse acobertar factos verdadeiramente indesculpaveis.

Assim, os serviços de meza e de quartos, com poucas excepções, deixaram muito a desejar. Não era só os creados mal habilitados para o desempenho do seu mister; mas principalmente, a ausencia d'uma pessoa que os dirigisse, que fizesse reprimir um certo numero de *vicios* e corrigisse a sua conducta, fiscalizando com zelo tudo quanto se ligasse ao serviço geral.

Para citarmos um primeiro exemplo dos que até nós chegaram, diremos que em um dos melhores hotéis das Pedras Salgadas, onde, aliás, se goza d'um relativo conforto, os serviços de meza foram justamente criticados. Assim, além da ausencia d'umas pe-

quenissimas coisas que muito satisfazem o hospede, as iguarias eram, no geral, servidas sem a preparação que agrada á vista e que, por consequencia, dispõe o estomago á sua boa recepção.

Para contentar um viajante, não basta só que a comida seja bem feita e limpa; é indispensavel, tambem, que ela seja apresentada com uma certa armação, attrahente pelo aspecto exterior, e que não dê a idea de ter sido vomitada para a travessa.

Se bem que a preparação dos pratos não seja propriamente função dos criados, mas sim dos cosinheiros, ao *Maitre-Hotel* é que compete prover ás deficiencias nos serviços de uns e de outros, zelando, assim, simultaneamente, os interesses do hoteleiro e os direitos dos hospedes.

Do Bussaco, algumas pessoas se nos queixaram, especialmente, dos serviços dos creados, que exteriormente se mostravam *esbodegados*...

No Luzo, a preparação dos quartos para a reentrada de hospedes, tambem foi muito comentada, pois alguns apresentavam aspectos pouco tentadores.

Emfim, na generalidade, as impressões que primeiramente nos chegaram não são, infelizmente, de molde a que possamos louvar os esforços empregados para a atracção de quem, por necessidade ou por gozo, desejasse ficar, de futuro, na nossa terra, gozando a excelencia das suas aguas, a beleza original das suas panoramicas paysagens, os encantos naturaes d'este ridente Paiz, onde simplesmente

falta quem criteriosamente saiba explorar as suas inexgotáveis fontes de riqueza.

Por esta pequena amostra que, sem duvida, reflete a opinião d'uma grande parte das pessoas que este ano se utilizaram das nossas thermas, se vê que é absolutamente impossível deixar os serviços dos hotéis em Portugal proseguir á mercê dos caprichos dos hoteleiros.

A questão hoteleira é da maior magnitude, e justamente uma das que figuram como primordial e principalíssima para que o turismo se desenvolva, seja em que paiz fôr.

Se não houver hotéis bons, que ofereçam comodidade, conforto e todos os demais requisitos que são inadmissíveis para a natural atracção do hospede, não são as belezas naturaes ou artificiaes, por mais encantadoras que se apresentem; a excelencia do clima; a infalibilidade das aguas e tantos outros simples motivos ocasionaes, que convencem o turista, o aquista ou o simples viajante a deter-se alem do tempo sufficiente para se pôr novamente a caminho.

Ninguém se convença que se possa crear, em Portugal, uma poderosa industria de turismo se não se atender rapidamente á questão hoteleira.

Para que esse assumpto seja tratado como requer, indispensavel é que se pense a serio na organização dos serviços de turismo, de forma a dar-lhes a latitude que lhes é absolutamente necessaria em troca da acção platonica que presentemente elles desenvolvem.

Todas as tentativas que se empreguem para a atracção de nacionaes e estrangeiros resultarão improfficuas se não se atender em primeiro logar ao serviço dos hotéis.

Não nos cançamos de debater sobre este — para nós — importantissimo assumpto.

Urje, pois, que ás entidades competentes seja confiada a missão indeclinavel d'uma rigorosissima e assidua fiscalisação sobre todos os hotéis em Portugal, para que ellas não se limitem a visital-os no fim da estação, em irrisoria missão de estudo, visto que outra não podem desempenhar.

As deficiencias e lacunas que se notam em todos os serviços de turismo no nosso Paiz são, simplesmente, provenientes do desprezo a que, até ao presente, os poderes publicos tem votado todas as questões de interesse vital.

Se, quando foram estabelecidos os serviços de turismo, não se atendessem unicamente a proteger a clientela politica, e se se procurasse, nos seus intuitos, o que havia de criterioso e de proveitoso nas suas bases, para uma felicidade que foi classificada como um utopico idealismo; se o legislador que propoz a creação e organização dos mesmos serviços, o tivesse feito com conhecimento do valor da sua iniciativa; não teriamos agora tanto a criticar; mas a nossa acção seria a d'um poderoso auxiliar na constituição d'esse grande edificio que é a industria de turismo, em vez de sermos os censores do procedimento que está sendo negativamente seguido, cujo resultado será o que tantas vezes tem sido por nós previsto.

Longe vá o nosso agouro.

Mas pelo caminho que as coisas vão levando, apenas vemos que perdemos a melhor oportunidade de nos prepararmos para a lucta economica

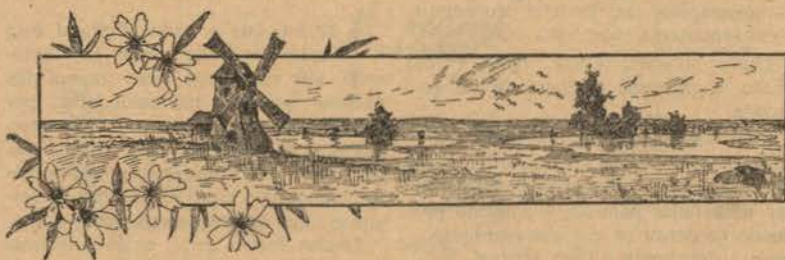
que, com talvez maior intensidade, se seguirá á pavorosa guerra que está diminuando a população mundial.

E' tempo ainda de nos precavermos contra a concorrência deslealissima que assentará seus arraiaes terminada que seja a assignatura da paz. Assim o tem comprehendido,— não só a França, como a Suissa, a Italia e a propria Alemanha, apesar do seu actual isolamento e das fundas preocupações que presentemente absorvem o seu espirito.

Se perdermos esta oportunidade, não será depois de derivado o forte caudal em diferentes e impetuosas correntes, que conseguiremos conquistar qualquer parcela de atracção, por minima que seja.

Pensem no assumpto, enquanto é tempo, as entidades que depois terão de suportar todo o pezo das suas responsabilidades pela sua presente inação.

JOSÉ LISBOA.



## FITAS PORTUGUESAS

### EM SANTA MARTHA E PONTE DO LIMA

A manhã que se seguiu á nossa chegada a Viana do Castelo, appareceu-nos enovoadá e triste. René Moreau começou a apoquentar-se; mas partimos. A sahida de Viana, entre os primeiros amores da estrada de Ponte de Lima, brilharam as primeiros raios de sol; e, pouco a pouco, as nuvens afastaram-se, deixando-nos um tempo prometejor.

Em Santa Martha de Portuzelo eramos aguardados pelo reitor, o sr. Bolido, um homem alto e delgado, de palavras rijas e decididas, que nos tinha organizado um rancho de quarenta moçoilas authenticas e rigorosamente vestidas ao figurino local de Viana, que n'aquella terra tem um culto de tradição.

Entramos na vasta eira que forma a entrada do pateo da reitoria, e eis que os primeiros figurantes apparecem.

Devo aqui explicar que eu, pessoalmente, tinha uma certa embirração ao traje de Viana, porque se tem abusado d'ele, e ultimamente tem sido até testemunha de bailes devassos no carnaval em Lisboa. Mas ao ver entrar na vasta eira, conduzidas por um rubor acanhado e gracioso, essas grossas raparigas de Viana, com os trajes de tear local, e as pernas grossas e torneadas metidas em meias brancas, que ellas proprias bordaram, tive uma impressão de tão elevado agrado, que chamei para ellas a atenção e o olho de artista do operador. René Moreau não demorou o seu entusiasmo e disse: — *Oh! très joli. Le plus joli du Portugal!*

Organizaram-se as danças, os desccantes, a exposição; e já segunda caixa de fita ia gasta, e mais aspectos havia a tirar. Realmente o aspecto era en-

cantador. Umaz trez duzias de belas raparigas, senão mais, ali se achavam. Havia-as roliças, de faces coradas e maciças; outras altas, de grandes olhos românticos e profundos. A outras ainda, de formas esbeltas e de rosto meigo e resignado — movia-lhes o amor, cuja magua se traduzia na *Saudade*, que lhe bordava a cintura. Parentes distantes, desventuras maguadas faziam-nas pensar? Talvez, mas a alegria que dominava todas, esquecia tudo.



As danças corriam, com elevado prazer para Moreau. Os descantes ecoavam no terreiro e uma d'elas, de olhos de esmalte verde, atirou ao ar o seguinte mote:

*Tudo o que é verde se seca*  
*Ai!*

*Lá pelo pino de verão*

que logo outra rematou:

*Tudo torna a renovar*  
*Ai!*

*Só a mocidade não.*

Os bailados continuaram, tomando fóros de romaria, e a irmã do reitor, veio até nós, saber se tínhamos gostado.—Era o que se podia arranjar.—Que desculpassemos.

E como, n'uma forma indirecta, eu quizesse louvar a improvisada festa, dirigi á boa senhora, n'um reconhecido agradecimento, a expressão do meu assombro por terem reunido tanta menina, o que se explicava só por bondade d'ela ou do sr. reitor.

\*

Ao meio dia chegavamos a Ponte de Lima, a mais linda vila de Portugal, como affiançou Augusto Gil, o glorioso poeta. Havia feira, e das maiores do Minho. As margens do Lima, além da Ponte, desapareciam sob uma imensa manada de bois que formava a feira. Deu-se começo á operação. E os bois, como movidos por estranha mola começaram a movimentar-se ao sabor de René Moreau—*Ils sont très intelligents-Merveilleux país*, comentou ele com satisfação.

Depois de varios quadros feitos, fomos á hospedaria da terra, almoçar.

As mesas alastravam-se a todas as dependencias da casa, e o vinho verde, em altas infusas de barro vidrado, enchia todos os copos, n'uma continua tarefa.

Na nossa frente, mastigava o seu

bife, um hespanhol viajante e inimigo da união ibérica.

Para ele, só o que na Hespanha havia é que era bom; nós eramos acanhados. Um paiz pequeno. Ele não queria *dicer* mal, mas era assim. As quedas d'agua de Lindoso, eram uma balela. No verão, aquilo secava-se como a corrente d'um ribeiro. Dinheiro mal gasto. Portugal, ainda assim, pouco lucrava. A *enerxia* era toda para lá—para Hespanha.

No inverno podia ser, podia vir alguma. A *enerxia* no verão era para eles, só para eles...

Ao meu lado, um outro comensal, atulhando o seu prato de frango com arroz, ouvia atentamente o cidadão catolico, com um ar de desafio, com uma ameaça muda de lhe pôr o cangirão do vinho pela cabeça abaixo. É á medida que o vinho faiscava no seu copo, sahiam-lhe da boca, como em arrotos, umas injurias ao homem da *enerxia*, que eu vi quasi as hostilidades ibéricas rôtas n'aquela pacata mesa de hospedaria minhota.

\*

\* \*

Voltámos a trabalhar, e na feira traziamos já um bom rancho de rapazes ávidos por passar á historia por aquele processo de divulgação. A policia era incompetente. O operador começava a distribuir socos e empurrões a esmo, á mistura de injurias carregadas em linguagem desconhecida, o que muito fazia rir a multidão.

Mas a parte mais interessante — disse ele — foi um episodio natural, que por preço algum ou por ensaio difficilmente se conseguiria melhor. Foi o caso do ajuste da venda d'uns bois, que um comerciante guloso queria apanhar a um velhote de barbas em matações brancas, com as maiores afirmações, optimamente acompanhadas de mimica, e que pareciam dizer em conjugação com o dobrar de uma nota de vinte mil réis para signal:—Vende os bois. Um dia compro-te outros e pago o dobro do que valerem. Faz este favor a um amigo. Se os não vendes, pode-lhes dar alguma doença e morrerem.

E o bom velho, com abanaes de cabeça, lentos e energicos, repetia: Não não, não!

GUERRA MAIO



*Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º anos da Revista de Turismo, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.*

## CARREIRA DO BRAZIL

SEGUNDO noticiaram os jornaes de grande circulação, o governo inglez, a instancias do nosso Ministro dos Negocios Estrangeiros, acaba de conceder que sejam restabelecidas, por vapores inglezes, algumas das carreiras entre Portugal e os portos do Brazil.

Se bem que, presentemente, essa medida, aliás de grande importancia, em nada influa para o progresso do turismo do nosso paiz, a acção da nossa Secretaria dos Negocios Externos não pôde deixar de merecer os nossos mais calorosos applausos, principalmente por d'ela advirem beneficios consideraveis para o nosso paiz.

Congratulando-nos, pois, como essa noticia, não podemos deixar, contudo, de pôr mais uma vez em relêvo a incuria e o desleixo que tem havido por parte dos governos portuguezes, no que respeita ás nossas relações commerciaes com a America do Sul, a tal ponto que nos vimos na necessidade de pedir o auxilio d'uma nação estrangeira para mantermos uma menos do que relativa facilidade de communicações.

Isso demonstra claramente o feito portuguez.

Entim, resta saber qual terá sido a compensação de mais este favor...

## REPARTIÇÃO DE TURISMO

O RELATORIO DE 1916-1917

DA Repartição de Turismo, sob a proficiente Direcção do sr. Dr. José de Athayde, recebemos um exemplar do relatório dos serviços prestados por esta repartição durante o ano economico de 1916-1917.

É um interessante documento contendo preciosos dados; e, por isso, a ele nos referiremos mais detalhadamente n'um dos nossos proximos numeros.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

# A NAVEGAÇÃO AEREA

## O GRANDE PROBLEMA DO FUTURO

Os estudos, os projectos e as discussões, que se sucedem com uma rapidez crescente, para a resolução do problema da navegação aerea civil, não são julgados prematuros por aqueles que, ainda ha pouco tempo, os podiam considerar como capitulos de Wells.

Depois do primeiro projecto da rede aerea inter-continental, apresentado em Italia pelo sr. Guido Rabbeno, muitos outros se elaboraram, pouco a pouco, os quaes tem sido devidamente apreciados pelos governos italianos. A lucta para a supremacia da navegação aerea, está travada. Trata-se, agora, de se recuperar o tempo perdido, trabalhando-se com o maior entusiasmo para se conseguir o fim desejado, ou seja tornar pratica e acessivel essa forma de locomoção. Assim, cada um dos que se impuzeram a obrigação de resolver o problema, esforça-se por obter as vantagens e a gloria de ser o primeiro.

Para se avaliar o afan que domina os interessados no assumpto, basta folhear as revistas estrangeiras da especialidade, que não cessam de multiplicar-se, tanto em Inglaterra, como na Italia ou na America.

Uma d'essas revistas, intitulada *Aéronautics* diz o seguinte:

«O Mediterraneo foi atravessado, pela primeira vez, em viagem aerea, no dia 28 de dezembro de 1912, pelo aviador francez Roland Garros. Deixaremos, pois, a um inimigo, a gloria de ser o primeiro a fazer a travessia do Atlantico?»

«—Existem já aparelhos perfeitos, onde se pode fazer a experiencia; e não devemos esquecer que os alle-mães, depois da guerra, aproveitaram, para isso, o primeiro momento oportuno.

«Ficaremos, ainda, uma vez mais, apenas gozando as experiencias alheias?»

«Objecta-se que a travessia do Atlantico não tem alguma importancia militar.

«E' possivel que assim seja. Todavia, o efeito moral do inimigo ter sido o primeiro a realisar o ideal que nós entusiasmadamente concebemos, pode ser consideravel.

«E' preciso, pois, atender muito especialmente sobre este ponto.»

A este respeito lembra-nos que o constructor italiano Caproni, teve de

pois de numerosas conferencias, occasião de manifestar o seu intento de atravessar o Atlantico, fazendo uma etape nos Açores. Não sabemos, porém, em que ficaram as suas ideias; mas é de crer que não tenha ainda desistido de as pôr em pratica.



O perigo da concorrência inimiga, estando presentemente excluído das preocupações dos technicos, resta saber a qual dos grandes inventores de aeroplanos, cuja pratica na locomoção deve inaugurar uma era nova e celebre, principalmente para a industria dos aviões, competirá a honra de fornecer o aparelho para o *grande vôo*.

Cada nação tem, por assim dizer, o seu typo especial d'aparelhos gigantes: Os «Caudron», os «Caproni», os «Sopwith» e os «Handley-Page» aos quaes se vae agora juntar um novo e temivel rival que é o «Curtiss», nome do famoso engenheiro mecanico que, actualmente, se ocupa com um extraordinario interesse, na construção d'um tri-plano, com imensos motores, o qual resultará mais rapido que todos os monoplanos e bi-planes até hoje conhecidos.

Não resta a menor duvida de que os novos aparelhos gigantes vão abrir uma nova via para os transportes commerciaes e turisticos; e o fim especial dos estudos que estão sendo feitos presentemente constitue em se achar a forma de proporcionar o maior conforto á tripulação e as mais sentidas comodidades aos passageiros, assim como a melhor forma de se estivarem as mercadorias.

Um dos pontos tambem essenciaes, é achar-se a fórma do vôo ser contínuo, sem que a paralyção d'um qualquer motor possa ter influencia.

Como é facil de deprehender se, esta é uma das grandes e essenciais incognitas do grande problema; mas certamente a sua resolução será achada com a facilidade com que se chegou a uma forma pratica no trabalho independente dos motores dos automoveis.

A transformação dos actuaes poderosos instrumentos de combate em vehiculos aéreos, cómodos e rapidos, onde possa instalar-se facilmente, uma duzia de passageiros, far-se-ha, sem duvida, quasi insensivelmente, descoberta que seja a sua pratica como meio racional de transporte de viajantes. E essa é a opinião da grande

maioria dos technicos, á qual se deve juntar a do constructor alemão Fokker, que declarou que, pouco tempo depois de cessadas as hostilidades, a circulação aerea estará regularmente organizada.

Esperaremos e apreciaremos, visto que não nos será dado entrar tambem n'essa lucta em que as grandes nações já se empenham para defender, á *outrance*, os respectivos interesses.

Talvez se o inolvidavel Padre Gusmão voltasse a este mundo, aperfeiçoasse os seus primeiros ensaios de navegação aerea para competir com os estrangeiros, E não duvidamos que lhe caberia o primeiro premio, pois em invenções e audacia, não ha como os portuguezes.



## EXCURSÃO DE TURISMO

REGRESSARAM de S. Pedro do Sul, onde foram visitar as thermas, a convite do Gremio Lafonense, o srs. drs. Magalhães Lima e José de Ahayde, que trouxeram as mais gratas recordações da beleza da paizagem Lafonense e o convencimento da importancia do papel que no turismo está reservado a essas thermas.

Por iniciativa do sr. dr. Magalhães Lima ficou constituído, em S. Pedro do Sul um sindicato de iniciativa pelos srs. drs. João Bandeira, João Ferreira, Almeida Tuinta e Manuel Viégas de Carvalho, sob a presidencia do presidente da Camara Municipal.

Tanto em S. Pedro do Sul como nas outras terras da região, foram prestadas aos illustres viajantes as mais fidalgas manifestações de apreço.

No dia 30 foi-lhes, oferecido, no *Hotel Comercio*, de S. Pedro do Sul, um almoço que decorreu animadamente.

A recepção aqui foi iniciada por uma comissão delegada do Gremio Lafonense, sob a presidencia do sr. Joaquim Ribeiro.



A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.



Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

## ARTE E LITERATURA

## NOITES D'INVERNO

DE JOSÉ LISBOA

.....

Meia noite — a hora em que, segundo os supersticiosos, começam os invisíveis nas suas machinosas locuções.

O tempo sereno. O astro, d'um azulesaphyra, faz realçar o brilho scintillante de pequeninas estrelas, n'um soberbo conjunto de belleza e de grandiosidade.

Na Terra uma fresca aragem passa, branqueando de leve as rosadas faces das *alfacinhas*.

O movimento, então, na cidade baixa, é intenso.

Acabaram os espectáculos, e toda a gente, mesmo a que a eles não assistiu, toma o seu rumo, em demanda dos respectivos lares. Homens, senhoras e crianças, seguem como linhas de formigas, pelas diferentes arterias que directamente as conduzem ás suas casas, ou para os locais onde encontram facil meio de se fazerem transportar ao comodo conchego das suas alcovas. Velozes automoveis, n'uma correria doída, atroando os ares com a sonoridade continua das suas buzinas, exquisitas e quizilentas, cruzam-se rapidamente em todos os sentidos, descrevendo linhas arrojadas e habeis volteios: Pezadas carruagens, no grave deslizar dos seus sanguineos tiradores, mostram ao pacato burguez o antigo e luxuoso meio de transporte privilegiado; e os ligeiros *batedores* de praça lestandamente percorrem as ruas, trasladando para os *moulins* chics a fina flor da mocidade e o escol da *coquetterie* lisboeta.

Eis, em breve idéa, uma meia noite de Dezembro, vista — por exemplo — d'uma das esquinas do Rocio; isto é: a face da Cidade onde mais se nota o doudejar da alegria, se bem que muitos dos seus transeuntes passem ali por ser esse o seu natural cami-

nho e — sabe Deus! — quantos amarguradamente o fazem.

— E que de amarguras, que de tristezas a essa hora não se estarão passando nos outros bairros da Cidade, mórmente n'aquelles onde a Felicidade não aqueceu o ambiente com o calôr confortante do seu halito?

— Sim, a vida não é só o gozo e o divertimento do espirito e a alegria da alma; se assim fosse, haveria um manifesto desequilibrio e uma pronunciada desigualdade entre os premios e os castigos. Mas como tal não acontece, a vida tem, tambem, a phase triste — o sofrimento que vem dos sofrimentos physicos e moraes; sendo estes principalmente, os que mais peizam na balança da justiça divina.

Na generalidade, dizemos, quando alguma tristeza nos fere mais fundo, «que não ha alegrias sufficientemente compensadoras dos desgostos d'esta vida». Sucede, porém, que as pessoas que assim falam, são quasi sempre aquelas que, com menos razão, o podem dizer.

Outras ha, porém, cuja soma de martyrios representa o mais doloroso calvario; e — em geral — pouco se queixam, talvez por condição, talvez por temperamento, talvez por já se terem habituado...

Em compensação, ha um enorme numero de pessoas que nunca experimentou o mais insignificante desgosto.

Porquê?

...Respondam os philosophos.

.....

Meia noite, hora fatidica, que marca a transição d'um para outro dia, d'um para outro ano, d'um seculo para a eternidade.

Sob a ultima das tuas badaladas, quantas fortunas se tem jogado? quantos destinos tem sido iniciados?

Se á aparente grande maioria tu és

uma pouco mais do que vulgar hora de relógio, sem que, por isso, muita gente te dê o teu real valôr, para a outra grande massa das almas christãs — e talvez a maior — tu és um momento esperado ou desesperado, o minuto mais feliz, como o mais angustioso de muitas vidas.

Exalto-te? Não. Deprecio-te? Ainda menos. Dou-te simplesmente o real valôr.

.....

Do livro inédito «TRAÇOS DA VIDA»



## REFLEXOS...

DE ELIAS GAVINHO

*Quando á janela, vaidosa,  
O' flôr casta e mimosa,  
Vens ouvir aureas canções,  
Minh'alma diz com ternura:  
Que encanto, que formosura,  
Sol das minhas produções!*

*Teus grandes cabelos louros  
São de perolas thesouros.  
Quando soltos, deslizando,  
Formulam cicios de beijos  
Em transcendentes harpejos,  
Trinados por bons amantes.*

*Teus olhos são duas mêlas  
Que incendiam dos poetas  
As estrophes divinas:  
Do espaço azul os fulgores,  
Os luzeiros multicores,  
Parecem aos teus eguaes.*

*A aurora, serena e calma,  
Um dia furtar-te a palma  
Quiz! — Que louca, que ousadia!  
Pois nem Corrêgio, inspirado,  
Imitaria o sagrado  
Perfil de tanta harmonia.*

*Nem nos bosques, nem nos prados,  
Quando os sorrisos dourados  
Do sol os vae purpurar,  
Ha nupcias, que, de inveja  
Do teu olhar que dardeja,  
Possam o brilho offuscar...*

*Não sei que dôr, que tristeza  
Eu sinto n'esta incerteza  
De um dia te possuir!  
Vejo-te em sonho, e mais nada,  
E tu, qual visão sagrada,  
E's ainda um lirio a se abrir...*

*Não quero que olhos profanos  
De trovadores tyranos  
Possam e'os teus se encontrar;  
A's vezes, furtivamente,  
Basta o olhar de um demente  
Para o sonho ir profanar...*

*E's em virtudes suprema!  
Sinto um fulgido diadema  
Iluminar-me a Razão,  
N'um segredo que murmura,  
Quando vens, solemne e pura,  
Setear meu coração.*



## CARTA DA AMERICA

## O Parque Nacional de Yellowstone

New-York, Agosto de 1918.

Vou hoje relatar-lhes um dos sitios pitorescos d'este grande Paiz, mais propicio ao recreio dos espiritos, onde a massa fluctuante, nacional e estrangeira, que, com a sua febril agitação, movimentando todos os pontos interessantes dos Estados-Unidos, se expande com a avidéz caracteristica do egoismo dos prazeres, das fundas emoções, das commoções que fortemente abalam os organismos.

Esse excêntrico lugar é o Parque Nacional de Yellowstone.

Para o definir bem, diremos que ele tem uma extensão de 3,348 milhas quadradas, isto é, três vezes maior que o Estado de Delaware. Possui, todavia, tal variedade de maravilhas naturaes dentro dos seus limites, que o viajante não sabe mais o que admirar: se esses encantos, se a sua diversidade e aglomeração n'esse original perimetro. N'ele se admira um extraordinario vale que se pode comparar com os do Rio Colorado e o do Parque Yosemite; uma excêntrica catarata que não é muito inferior á do Niagara; enormes montanhas, lagos e bosques petrificados, d'uma extranha estrutura. Da fauna selvagem, possui mais do que todos os Jardins Zoológicos da Europa, não obstante a grande riqueza que estes apresentam. E o que de tudo é ainda mais surpreendente e notavel são os *geysers*, essas poderosas fontes naturaes que espalham por todo o mundo a fama do parque.

A meu vêr, creio que estas fontes de origem sísmica ou fenomenos que arrojam nuvens de vapor sulfuroso, junto com as volumosas descargas de lodo, que fervem de uma maneira rara, e os mananciais thermicos que igualmente fervem com o calor interior da terra, são as coisas de maior admiração e que mais atraem o visitante.

Os *geysers* do Yellowstone não tem rival quanto a tamanho, potencia e variedade de acção, assim como de numero.

A Nova Zelândia, que figura em segundo lugar como possuidora d'esses incomparaveis repuchos d'agua a ferver, e a Islandia, d'onde se originou a palavra *geyser*, guardam dentro dos seus limites outros importantes e notaveis *geysers*; contudo os dois Estados juntos não oferecem ao visitante o que, em dois ou tres dias, se pode admirar no parque de Yellowstone. Ligeiramente falando, os *geysers* são vulcões de agua. Aparecem unicamente nos logares em que o calor interior da terra se aproxima mais da crosta. A sua acção, que foi por muito tempo desconhecida, explica-se agora muito simplesmente pela sciencia. A agua da superficie que se escova pelas fendas das rochas, ou a agua de mananciaes subterraneos que se accumula no fundo da cratera do *geyser*, sob a acção d'um calor intenso, aquece demasiadamente e produz vapor, cujo poder expansivo força, até acima, a agua

mais fria que está sobre ela. Então, quando a agua da superficie do *geyser* começa a ferver e a soltar nuvens de vapor, é o signal, para o observador, que a fonte está pronta a funcionar. Por fim, a agua e o vapor, no fundo d'esses naturaes depositos obtem tal pressão, que o volume superior não pode, apenas com o seu peso, sustê-la, sendo assim impelida com grande violencia; o que faz eleva-la no ar a alguns pés de altura. Assim se forma um formidavel jacto d'agua, que é verdadeiramente, um original repucho, durando até a completa evacuação da cratera.

Logo que a agua cai na terra, torna-se a infiltrar pelas fendas, indo-se juntar no deposito das crateras: o que origina a repetição d'estes fenomenos em milhares de sitios.

Mananciaes ferventes, grandes e profundos poços da mais pura e limpida agua, verde e azul, encontram-se nas mais altas e frescas montanhas onde, por vezes, uma ardentia terraqueza dá a idéa de que uma tremenda fogueira está brazcando debaixo d'elas. Algumas d'estas poderosas colunas de agua são tão grandes como uma «*Sequoia*» (arvore gigantesca do oeste, com um diametro de cinco a sessenta pés, e cento e cincoenta a trezentos pés de altura) mantendo-se assim com extraordinaria energia durante minutos e mesmo horas. Não ha geadá alguma que os refresque. A neve nunca os cobre. Tanto o inverno como o verão são sempre bemvidos. Todos esses repuchos qualquer que seja a sua forma, levantam-se facilmente e se deslocam á maneira de baile ritmico de duendes, durante o dia e a noite, em todas as estações, com intervalos distintos de minutos, horas ou semanas.

Os chamados vales de *geysers* onde cresce a rara classe da vegetação, classificada *Sequoia*, são na sua maioria, vales abertos nas planícies que se formaram depois das erupções vulcanicas.

Existe tambem nesté famoso parque uma lagoa, quente, de 12 pés de fundo, com a agua tão clara que qualquer pessoa pode vêr as suas maravilhosas e coloridas paredes, que se estendem profundamente, proporcionando um atrativo raro.

Mais abaixo, na margem do lago Yellowstone, algumas meninas, com improvisadas varas de pesca, diligenciam apanhar um truta e cozinhá-la, metendo-a no lago quente.

Por toda a parte se encontram frondosas arvores que enchem de sombra o belo parque e, ao mesmo tempo, servem de abrigo a muitos centenares de bonitos e raros passaros.

Como afamado pelos fenomenos aquáticos, vem em seguida o assunto dos animais selvagens do Parque Yellowstone: veados de todas as especies, antilopes, bisontes, carneiros das montanhas Rochosas, etc., que andam pelas pampas e montanhas em grandes quantidades. Três mil antas, por exemplo, vivem no parque; e os antilopes que estão esgotados em qualquer outra parte, apparecem ali.

Por fim, chegamos á gloria final do famoso parque: o maravilhoso vale de Yellowstone. O lago verde mas claro como uma esmeralda, desemboca n'um extremo setentrional do rio Yellowstone, percorrendo doze ou mais milhas por entre um campo silvestre. Esse turbulento rio lança-se de repente, em uma margem penascosa, d'uma altura de 112 pés, onde cai com grande ressonancia. Seguindo para um enorme poço, espumante, caminha mais um pouco e dá outro tremendo salto, d'esta vez de 311 pés, cahindo directamente nas terriveis profundezas do canal de Yellowstone.

Nas margens tudo é colorido, desde o delicado rosa até ao roxo da India; continuando sempre em um alaranjado brilhante. Estas cores devem-se principalmente ás aguas minerais, pigmentos derivados das lavas.

Até agora nenhum artista fez verdadeira justiça ao vale. Não lhes descrevo tudo o que vi no parque, pois seria trabalho para encher dois ou três livros.

Z.

## MUSEUS

## PATENTES EM LISBOA

**MUSEU DE ARTE ANTIGA**, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

**MUSEU ANTHROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA**. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

**MUSEU ARQUEOLOGICO**, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratias.

**MUSEU DE ARTILHARIA**, largo do mesmo nome; esta patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

**MUSEU D'ARTE contemporanea**. Edificio da Bibliotheca Publica.

**MUSEU BORDALO PINHEIRO**, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

**MUSEU DOS COCHES**. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

**MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO** Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

**MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ**, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

**MUSEU DE HISTORIA NATURAL**, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

**MUSEU NUMISMATICO**, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

**MUSEU PEDAGOGICO**. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

**MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA**, na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

**MUSEU DE S. NICOLAU**, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.